

MÉTODO GEERTZIANO PARA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA: AS CURAS DE JESUS (MC 7,31-37 E MC 8,22- 26) ENQUANTO DIRETRIZES HISTÓRICO- ANTROPOLÓGICAS¹

André Valva²

Duas perícopes no Novo Testamento falam de um ritual de cura incomum e inédito no NT realizado por Jesus. Na primeira perícopa (Mc 7,31-37) Jesus cura um surdo-gago por meio de sua saliva e do toque na língua e ouvidos do enfermo; a segunda (Mc 8,22-26) é mais incomum, pois Jesus cura um cego cuspiendo em seus olhos e impondo-lhe as mãos em duas etapas, transformando-se num processo único apresentado nos cânones. Em ambos os rituais, vê-se alguns comportamentos frequentes: 1- não é apresentado quem traz o enfermo e sua identidade; 2- Jesus cura a ambos em privacidade; 3- tem-se a imposição das mãos; 4- há o elemento da saliva; 5- Jesus toca o enfermo; 6- existe o que chamo de “olhar para Deus” por parte dos envolvidos no ritual; 7- e, por fim, Jesus solicita silêncio a ambos os curados. Estes comportamentos frequentes, são símbolos que identificam – além de comportamentos – as crenças e valores da comunidade marcana; entretanto, escolheu-se para construir análises a imposição de mãos, a saliva, o toque e o olhar para Deus (ou levantar os olhos). Porém, antes de analisarmos estes símbolos é importante expor o principal referencial teórico, Clifford Geertz e seus estudos sobre cultura e símbolos, para melhor compreensão destas perícopes.

Para Geertz a religião é construída fundamentando-se em símbolos (semiótica) que são instrumentalizadas para caracterizar uma dada realidade. Estes símbolos também são denominados de veículos e são responsáveis por conectar a realidade com a religiosidade de um determinado grupo de pessoas (Geertz, 2004, p. 17). Ele ainda afirma que se deve distinguir a atitude religiosa da experiência religiosa, porém há que se identificar os aparatos

¹ Texto aprovado para apresentação no XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022, no Simpósio Temático 04 – Religião, Religiosidades Subterrâneas e Resistência Cultural, que ocorreu no dia 17 de novembro de 2022.

² Doutorado em andamento em Ciências da Religião na PUC Goiás, com Bolsa - CAPES/PROSUP. Mestrado em Ciência da Religião pela PUC-SP, com Bolsa CAPES. Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em História pela Universidade Cruzeiro do Sul, com Bolsa 100% de Mérito Acadêmico. Integra o grupo de pesquisa em Religião, Cultura e Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: andrealva@gmail.com . ID do Lattes: 7424448758305896.

sociais que apoiam, que sustentam os dois elementos supracitados. Por fim, para construir as bases da metodologia, convém destacar a afirmação de Geertz que “(...) a religião é uma instituição social; a adoração é uma atividade social; e a fé é uma força social” (Geertz, 2004, p. 32). Dessa forma pode-se realizar algumas substituições conceituais para alocar as ideias de Geertz à realidade da pesquisa, criando correspondências entre as ideias expostas acima e a realidade da comunidade marcana e seus símbolos e rituais religiosos. Os símbolos sintetizam o ethos e a visão de mundo (Geertz, 2015, p. 66-67) dos grupos que compõe a comunidade marcana. Assim, o antropólogo argumenta que ethos centra-se no problema da ação (Geertz, 2004, p. 103-118); são as disposições morais e estéticos de um determinado grupo (Geertz, 2015, p. 66-67). Já a visão de mundo centra-se no problema da crença (Geertz, 2004, p. 103-118); “é o quadro que fazem do que são as coisas nas suas simples atualidades, suas ideias mais abrangentes sobre ordem (Geertz, 2015, p. 66-67).

Tendo em vista a conexão entre ethos e visão de mundo, é possível estruturar as descobertas em categorias, hierarquizando-as de acordo com sua relevância para a comunidade marcana; a este processo, Geertz denomina de Hierarquias Estratificadas de Estruturas Significantes (HEES) (Geertz, 2015, p. 5); a ideia é que essas estruturas significantes possam justificar os símbolos escolhidos para propor reflexões sobre comunidade marginalizada, subterrânea (como sugere o ST 04), além da resistência cultural pela perspectiva da perseguição aos cristão por parte do romanos. Sendo assim, utilizar-se-á o HEES também considerando os outros níveis socioculturais que sustentam essa dada realidade. Portanto, estes são os aparatos sociais que alicerçam a atividade social, criando padrões culturais (Geertz, 2015, p. 33), sendo perceptíveis para a reflexão da metodologia geertziana na elaboração da pesquisa. Neste sentido, a partir dos símbolos, pode-se identificar o ethos e a visão de mundo da comunidade marcana, permitindo compreender as atividades sociais e os aparatos sociais que sustentavam as atitudes religiosas, categorizadas e hierarquizadas – segundo métodos de Geertz – para entender a comunidade marcana enquanto resistência cultural de uma religiosidade marginalizada; cuja imagem de Jesus, em seu texto sagrado, é reflexo desse comportamento cultural.

De volta aos símbolos extraídos das perícopes, chega-se à conclusão de que encontramos quatro elementos em comum: imposição de mãos, a saliva, o toque e o olhar para Deus (ou levantar os olhos), que podem ser analisados a partir de perspectivas de: concreto e abstrato; imagem e metáforas; pureza e impureza; sagrado e profano; entre outras. Estes símbolos relacionados ao ritual de cura tendem a sintetizar os valores e

crenças do mundo em que viviam essas pessoas. Ao pegar-se a saliva como exemplo para aplicá-la a metodologia geertziana, pode-se verificar a relevância deste elemento simbólico para a cultura da Palestina Setentrional (provável local de redação do texto marcano (Myers, 1992, p. 69; Theissen, 2007, p. 75; Vaage, 1998, p. 12).

Theissen (2009, p. 241) afirma que o Evangelho de Marcos coloca Jesus rompendo as fronteiras e disponibilizando aos gentios crenças e comportamentos que eram predominantemente judaicos, como sua declaração que o Templo é lugar de adoração também para pagãos (Mc 11,17). Theissen ainda destaca que é esta relação do autor de Marcos com os gentios (pagãos) que leva Jesus a questionar preceitos de pureza e impureza. Em Mc 7,15ss temos algo que antecipa as colocações sobre saliva presentes nas tradições próprias marcadas quando Jesus expõe que: “nada há no exterior do homem que, penetrando nele, o possa tornar impuro; mas o que sai do homem, isso é o que torna impuro”. Teologicamente, Jesus não se refere à saliva (algo que sai do homem); entretanto é instigador esta colocação estar localizada pouco antes da cura do surdo-gago. As assertivas acima colocadas podem acolher uma compreensão de que: como o autor do livro marcano estava na Palestina e havia uma discussão vigente sobre a aceitação de gentios enquanto judeus seguidores de Jesus, ele foi simpático aos pagãos e mostrou um Jesus inclusivo e compreensivo às preocupações gentias.

Segundo Bursi (2015, p. 65-78) vários milagres atribuídos a Muhammad mencionam o uso da saliva. Este autor ainda destaca que existem vários estudos que investigam a influência das histórias dos rituais de curas de Jesus no islamismo antigo vinculadas à Muhammad. Horsley (2014, p. 133-135) menciona como a saliva era utilizada pela “medicina” da época para curar diversos males, entre eles cegueira. Presume-se que a saliva era um símbolo importante para a região e que sintetizava a forma como compreendiam a realidade: fluidos corporais estavam mais ligados à medicina do que à religião. Existiam curandeiros (médicos) na antiguidade; em, pelo menos, cinco passagens há relatos de médicos no NT. Em Marcos encontra-se duas, a saber: Mc 2,17 e Mc 5, 26. Era um profissional caro, normalmente procurado por pessoas da classe alta. Havia os curandeiros populares, o que deveria ser o caso para Jesus, mas estes poderiam ser confundidos com taumaturgos (Malina, Rohrbaugh 2017, p. 381). Assim, para os gentios a saliva estava dentro de um contexto compreensível no processo de cura.

De acordo com Edwards a cultura helênica possuía curas por meio de aplicação de bálsamos e fluidos corporais que misturados poderiam proporcionar soluções inclusive para cegueira (Edwards, 2018, p. 287). Neste entendimento, a saliva é algo que está fora do

lugar, não é algo impuro por si só, mas está fora de seu contexto compreensível, por isso é vista pelos membros judeus da comunidade marcana – e por outros judeus que tenham tido acesso à redação – como algo impuro ou relacionado à magia (Myers, 1992, p. 101-113). Os veículos aparecem na redação como símbolos que sintetizam as experiências dos gentios na comunidade marcana. Saliva, toque, imposição de mãos e olhar para Deus (levantar os olhos) são símbolos que o autor do Evangelho de Marcos desenvolve num modelo de realidade que promove inclusão mediante a transformação de valores, pautadas em privacidade e silêncio – chaves de leituras já notórios dentro dos estudos teológicos e científicos acerca do Evangelho de Marcos.

A partir de uma metodologia histórico-antropológica é possível decompor esses elementos, seguindo os conceitos de Clifford Geertz, e emergir dados relevantes para a construção da comunidade marcana que balizará a análise de um grupo marginalizado, perseguido e que reflete seus anseios e esperanças na forma como retrataram seu líder religioso: Jesus.

REFERÊNCIAS

BURSI, A. C. **Holy Spit and Magic Spells**: religion, magic and the body in late ancient judaism, christianity, and islam. Tese (Doutorado). Nova Iorque: Departamento de Estudos do Oriente Próximo da Universidade de Cornell, 2015.

EDWARDS, J. R. **O Comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

GEERTZ, C. **Observando o Islã**: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

HORSLEY, R. **Jesus and Magic**: freeing the Gospel stories from modern misconceptions. Cambridge, United Kingdom: James Clarke & Co, 2014.

MALINA, B. J.; ROHRBAUGH, R. L. **Evangelhos Sinóticos**: comentário à luz das ciências sociais. São Paulo: Paulus, 2017.

MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

VAAGE, L. E. Que o leitor tenha cuidado! O Evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. **Ribla**, Petrópolis, Rio de Janeiro, n. 29, p. 11-31, 1998/1.

THEISSEN, G. **A religião dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulinas, 2009.

THEISSEN, G. **O Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2007.